

Roberto Lopes

## Apocalipse nau

Os trabalhos do Congresso constituinte caminham para o final, e é difícil dizer se o resultado é bom ou ruim, se é majoritariamente conservador ou progressista —na verdade, é até difícil dizer se esse que está aí é mesmo o resultado (já que ainda vamos passar pela fase em que os nobres constituintes podem fazer emendas supressivas ao trecho já votado em plenário).

O Congresso constituinte vibrou golpes à direita e à esquerda, levada pelo emocionalismo, pela incompetência, pela insegurança e pela esperteza —esta última, uma espécie de marca registrada deste nosso fabuloso país. Parlamentares espertos trataram de embutir em um documento de princípios, normas para o controle dos juros bancários, procedimentos no Judiciário para quem bate com o seu carro na traseira de outro e uma série de outras regras de igual jaez.

Esperteza pura, caro leitor. Sabedores de que, pela via legislativa ordinária, podem transcorrer ainda alguns decênios antes que o país tenha juros bancários menos escorchantes, ou que o cidadão venha a se beneficiar da rapidez e eficiência de um tribunal de pequenas causas, esses parlamentares (alguns até bem intencionados) tratam de enfiar isso logo na Constituição, a fim de que, pelo menos no papel, tenhamos uma vida mais digna, e com mais justiça. Esperteza pura, como todos podem ver.

Pois a Constituinte é isso. Nesses últimos 14 meses e pouco, ela serviu, por exemplo, para afirmar lideranças políticas do quilate da de um deputado Roberto Cardoso Alves que, no momento de trabalhar para redigir uma Carta de princípios, soube enunciar apenas o “é dando que se recebe”, princípio do clientelismo político, da política da bica d’água —um tipo de liderança pequena, canhestra, que vem e que passa, ainda que dela restem fotografias de suas expressões coléricas em instantes de derrota, de muleta empunhada como porrete. E se alguém ainda tinha dúvidas sobre a capacidade, a densidade política do deputado baiano José Lourenço —outro líder do Congresso constituinte—, agora não pode ter mais. A entrevista que ele concedeu ao programa “Roda Viva”, da TV-Cultura de São Paulo, há cerca de dois meses, jamais devia ser apagada. Devia ser preservada, para que as futuras gerações possam aquilatar o tipo de talento político que 20 anos de trevas podem abrigar.

O Congresso constituinte tragou o empenho de um Wladimir Palmeira (ele é Constituinte, vocês sabem?), fez do senador Roberto Campos o colunista mais lido dos domingos, do deputado Delfim Netto um dos maiores humoristas do país (nenhum economista faz frases irônicas como ele), e de outros menos votados como o ex-ministro do Trabalho Arnaldo Prieto e o jornalista Hélio Costa, constituintes fantasmas. Não que eles não compareçam ao plenário para as votações. Não é isso. É que mesmo estando lá, parece que eles não estão.

O Congresso constituinte de 87/88 afirmou lideranças parlamentares insuspeitas, como as do general Leonidas Pires Gonçalves, do almirante Henrique Saboia, do ortopedista Ronaldo Caiado, do ministro Antônio Carlos Magalhães, do general Ivan de Souza Mendes (nessa ordem, por favor) e de alguns outros.

A nova Constituição incorpora avanços, é verdade. Mas não é menos verdade que, com o pano de fundo das trapalhadas do Congresso constituinte se afirmaram promessas eleitorais como Ronaldo Caiado —que se diz um homem de centro—, e Sílvio Santos —que diz perseguir a bem delineada linha que une os perfis políticos de Kennedy, Ghandi, Evita Perón e Getúlio Vargas. É demais. (É demais mas não é tudo. Um final de semana desses, desesperada com a fragilidade de sua equipe, a infeliz torcida do América carioca xingava o supervisor de futebol do time, e gritava: “vai pra casa ô Aníbal Teixeira”).

Muito excepcionalmente, deixamos de publicar o artigo